



III Simposio Internacional de historia de la electrificación. Ciudad de México, Palacio de Minería, 17 a 20 de marzo de 2015

ELETRIFICAÇÃO, NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DO COTIDIANO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Alvaro Ferreira

Departamento de Geografia da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
alvaro_ferreira@puc-rio.br
alvaro.ferreira.geo@gmail.com

Eletrificação, novas tecnologias de informação e comunicação e a transformação do cotidiano na produção do espaço urbano (Resumo)

Nesse momento, pautado por grandes transformações, é impossível pensar a questão espacial e urbana sem pensar no advento das novas tecnologias de comunicação e informação e na grande revolução por elas promovidas. O espaço também se mostra afetado, pois tem os seus princípios rompidos pela instalação de novas formas de organização da ordem social. Essas novas tecnologias de comunicação e informação permitem uma aceleração da produção, objetivo este alcançado, fruto de mudanças organizacionais e que produzem um curso cada vez mais indireto da produção. É dentro desse contexto que se percebeu uma nova forma de trabalho em que o indivíduo, graças à utilização interativa de equipamentos e da rede de telecomunicações pode realizar suas atividades profissionais à distância ou na própria residência: o teletrabalhador. É sobre a interação entre teletrabalhador, transformação do cotidiano e produção do espaço urbano que trata este artigo.

Palavras-chave: Eletrificação, novas tecnologias de comunicação e informação, teletrabalhador, transformação do cotidiano, produção do espaço urbano

Electrificación, nuevas tecnologías de la información y la comunicación y la transformación de la vida cotidiana en la producción de espacio urbano (Resumen)

En este momento, marcado por grandes cambios, es imposible pensar en las cuestiones territorial y urbana sin hacerlo sobre las nuevas tecnologías de la comunicación y la información, y la gran revolución por ellas promovida. El espacio también se ve afectado, ya que tiene sus principios interrumpidos por la instalación de nuevas formas de organización social. Estas nuevas tecnologías permiten una aceleración de la producción. Este objetivo es resultado de cambios en la organización y la producción, de un recorrido cada vez más indirecto de la producción. Es en este contexto en el que vio la luz una nueva forma de trabajo en el que el individuo, a través del uso interactivo de los equipos y la red de telecomunicaciones puede llevar a cabo su actividad

profesional a distancia o en la residencia: el teletrabajador. Es sobre esta interacción entre el teletrabajador, la vida cotidiana y la producción del espacio urbano que trata este artículo.

Palabras clave: Electrificación, las nuevas tecnologías de comunicación e información, teletrabajador, el cotidiano, la producción del espacio urbano

Electrification, new technologies of information and communication and the the everyday life changes in the production of urban space (Abstract)

Nowadays, it is impossible to think of territorial and urban issue without considering the new technologies of information and communication and the great revolution promoted by them. The space is also affected because it has its principles interrupted by the installation of new forms of organization of social order. These new communication and information technologies allow an acceleration of production and reach that goal through organizational changes and producing an ever more indirect course of production. It is in this context that we can see a new way of working in which the individual, through the interactive use of computers and telecommunications network can perform their professional activity at distance or at his residence: teleworker. This article is about the interaction between the teleworker, everyday life and the production of urban space.

Key-Words: Electrification, new technologies of information and communication, teleworker, everyday life, the production of urban space

O desenvolvimento da eletrificação contribuiu para grandes transformações na produção do espaço urbano, acabando por impactar fortemente o cotidiano dos moradores das cidades. Dentre as inovações que foram propiciadas pelo desenvolvimento da eletrificação, não poderíamos deixar de tratar das tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, o cotidiano da população é alterado, mas também a própria lógica organizacional das empresas, seja no que se refere às instalações e relações de trabalho, seja no que se refere à localização das sedes e das plantas industriais das empresas.

A partir da década de 1990, principalmente, passamos a conviver com expressões como teletrabalho, desconcentração das plantas industriais, centralização do capital, trabalhador em domicílio, trabalhador *part-time*, nova configuração do *lay out* dos escritórios etc.

Nesse momento, pautado por grandes transformações, é impossível pensar a questão espacial e urbana sem pensar no advento das novas tecnologias de comunicação e informação e na grande revolução por elas promovidas. O espaço também se mostra afetado, pois tem os seus princípios rompidos pela instalação de novas formas de organização da ordem social. Essas novas tecnologias de comunicação e informação permitem uma aceleração da produção, objetivo este alcançado, fruto de mudanças organizacionais e que produzem um curso cada vez mais indireto da produção.

É dentro desse contexto que se percebeu uma nova forma de trabalho em que o indivíduo, graças à utilização interativa de equipamentos e da rede de telecomunicações – um computador pessoal ou um telefone móvel e conexão com a Internet – pode realizar suas atividades profissionais à

distância ou na própria residência. Esses teletrabalhadores – como foram denominados nos anos de 1990 – podiam fazer parte do quadro de trabalhadores efetivos da empresa ou constituir-se como *freelances*, que trabalham sob a forma de um contrato por tempo determinado ou por tarefas.

Foi sobre esse grupo de trabalhadores e as relações – ou a falta de relações – por ele constituídas que este autor desenvolveu uma pesquisa no final da década de 1990. Curiosamente, o processo que deslocava o trabalhador, retirando-o do local de trabalho, e novamente alocando-o em sua residência, caracterizava o retorno, guardadas as devidas especificidades, a um momento em que o artesão dividia em sua casa o lugar de viver e o lugar de trabalhar.

Observamos, naquela ocasião, o enclausuramento espacial proporcionado pelo exercício do teletrabalho. Para melhor compreender a complexidade da relação entre teletrabalho, espaço e indivíduo procuramos apontar três diferentes abordagens:

- a) o capitalismo como engendrador do modo de vida do indivíduo; gerador da subsunção dos trabalhadores;
- b) o trabalho como lugar e atividade instituídos;
- c) a espacialidade implicando na percepção do ser humano mediante os processos de valorização do lugar como reflexo da realidade vivida.

Cada uma dessas abordagens resgatou, de certa forma, discussões que desde há muito preocupam as ciências sociais.

O trabalho não se reduz à relação entre o indivíduo e os equipamentos; é também um desenvolver-se no interior de um grupo social. A individualização própria do teletrabalho limitava esse desenvolvimento, na medida em que o indivíduo, longe da empresa, deixava de vivenciar experiências com os demais trabalhadores.

Curiosamente, o capitalismo que separou o lugar de viver do lugar de trabalhar – a residência e a empresa – promoveu o retorno da unificação do lugar da produção e do lugar da reprodução.

Atualmente, presenciamos a exacerbação da utilização dessas tecnologias, mas não apenas no trabalho e para trabalhar – apesar delas serem cada vez mais utilizadas para isso -, o próprio cotidiano da sociedade está totalmente “contaminado” por essas tecnologias.

Os telefones móveis cada vez mais desempenham o papel de um microcomputador, arquivos de texto, de imagem e de vídeo agora podem ser arquivados e acessados de qualquer lugar e de qualquer computador, pois estão “na nuvem”...

As redes sociais passaram a ocupar grande parte do tempo das pessoas, que não conseguem mais passar um dia sem checar as novidades que foram compartilhadas... Evidentemente, as redes sociais também se tornaram ferramentas importantes nas mobilizações a que assistimos nos últimos anos.

Crianças, jovens e adultos a cada momento “mergulham” mais em uma rede de conexão que simultaneamente aproxima e afasta. É sobre esta tensão que versa este trabalho.

Eletrificação e as novas tecnologias de informação e comunicação

A energia elétrica tem se mostrado uma fonte energética bastante versátil e, cada vez mais, vem se tornando indispensável e estratégica para o crescimento econômico e para o desenvolvimento da sociedade. Os avanços tecnológicos a que temos assistido nos últimos séculos contribuíram para grande transformação da vida cotidiana. Grande parte desses avanços está ligada à energia elétrica, dentre os quais temos os telefones móveis, os computadores e todos os desdobramentos referentes ao seu uso.

A chegada da energia elétrica, impulsionada pela cada vez maior urbanização da sociedade, trouxe grandes transformações no cotidiano dos moradores das cidades. A vida que se encontrava mediada e, de certa forma, dirigida pelo amanhecer e pelo anoitecer, no que tange às atividades diárias, passa a se estender por mais tempo. É preciso ter em conta também a aceleração da mobilidade no que se refere aos sistemas de transporte, o que levava a compressão do tempo de deslocamento. Ou seja, temos simultaneamente uma espécie de extensão e compressão do tempo vivido nas cidades. As inovações ligadas às tecnologias de informação e comunicação aceleraram ainda mais o ritmo de nossas vidas, aproximando-nos de fatos que ocorrem a milhas e milhas distantes e que estão longe de nós. Por outro lado, essa enorme quantidade de informações e de imagens trazem-nos cada vez mais a sensação de que não damos conta de tudo, dessa enorme velocidade com que as transformações ocorrem. Vivemos o tempo da metrópole; vivemos a exacerbação da urbanização da sociedade, que nos leva para o processo de metropolização do espaço. Mais do que falarmos em uma sociedade urbana, importa pensarmos no processo de metropolização do espaço. Trata-se de um processo que imprime ao território características que até então eram exclusivas da metrópole, ou, em alguns casos, da região metropolitana¹. Nesse sentido, não só as práticas espaciais, mas também as identidades dos lugares ficam sujeitas aos códigos metropolitanos. Acreditamos que o processo de metropolização do espaço guarda ligação com o discurso da associação entre modernização, progresso, desenvolvimento e homogeneização. Porém, essa tendência à homogeneização não se realiza sem tensões, sem conflitos. A metropolização do espaço leva-nos a considerar a multiplicidade e a enorme intensidade dos fluxos de pessoas, de informação e de mercadorias. Ademais, não devemos esquecer que cada vez mais tudo tem se transformado em mercadoria.

Mas ainda pensando nas transformações ligadas ao uso das tecnologias de comunicação e informação, de acordo com dados levantados pela SOBRATT (Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividades), existem em torno de 12 milhões de teletrabalhadores, predominantemente nas áreas de tecnologias da informação, comunicações e vendas. Entretanto, atualmente, qualquer atividade administrativa em uma empresa busca, analisa e manipula informações utilizando *smartphones*, *tablets* e *laptops* sem a necessidade de ser realizada em um local e horário fixos. Assim, é possível considerar que o teletrabalho abrange um número bem maior de pessoas, ao menos potencialmente. Segundo dados da SOBRATT, em aproximadamente três anos, “o número de pessoas em todo o mundo que utilizarão dispositivos móveis para trabalhar atingirá a marca de 1,3 bilhão. Isso representa 32,5% da população mundial economicamente ativa”. A mesma pesquisa apontou que um bilhão de trabalhadores utilizavam *smartphones* e *tablets* para desempenhar suas atividades em 2010 (Figura 1).

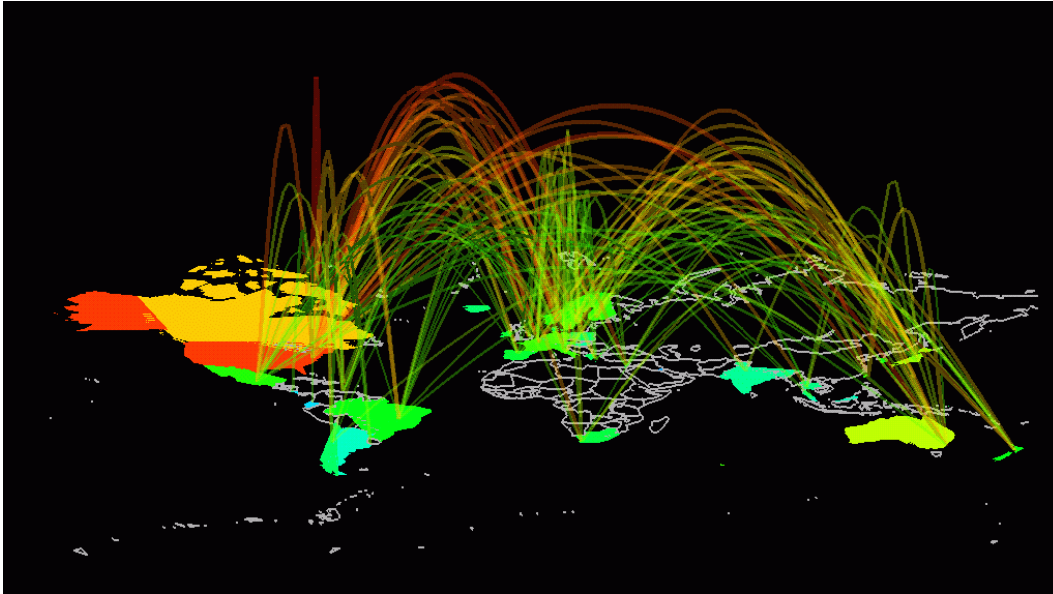


Figura 1: Visualização dos fluxos de informação pela Internet.
 Fonte: <http://www.cybergeography.org>, em 13/11/2014.

Mais da metade dos brasileiros já está conectado à Internet. Segundo dados divulgados no dia 18/09/2014, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de internautas no país passou de 49,2%, em 2012, para 50,1%, em 2013, do total da população. As informações fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) referente a 2013. O resultado mostrou também que as regiões Sudeste (57,7%), Sul (54,8%) e Centro-Oeste (54,3%) tiveram proporções de internautas superiores à média nacional de 50,1%. O Norte e o Nordeste, com 38,6% e com 37,8% do total da população, respectivamente, ficaram abaixo.

Ao que parece, a utilização das tecnologias de comunicação e informação têm contribuído para uma profunda transformação da vida cotidiana. Convém explicitar um pouco mais a ligação que almejamos fazer, no que diz respeito ao retorno a que fizemos menção, quando afirmamos que a residência, que havia sido relegada ao espaço e ao tempo “extra-trabalho”, volta a integrar as funções de produção, gestão e reprodução. Em sua análise, Marx² destacava a potencialidade dos trabalhadores atuando conjuntamente, em cooperação. Essa força advém da proximidade e da emulação entre os trabalhadores, mas ela aparece como uma propriedade do capital. Marx percebia o desenvolvimento da força produtiva do trabalho em oposição ao trabalho mais isolado dos indivíduos. Em princípio, o teletrabalho parece encaixar-se no debate travado por Marx, sendo visto como uma forma de trabalho mais individualizadora dos trabalhadores, contudo um olhar mais profundo leva-nos a pensá-lo, simultaneamente, como autônomo, mas também como coletivo. Caminharemos objetivando esclarecer melhor nossa afirmação, mas para tal será preciso resgatar as diferenças entre trabalhadores e teletrabalhadores, inclusive no que tange às suas relações para com a cidade.

² Marx, 1978, p. 55.

Trabalho, teletrabalho e as tecnologias de comunicação e informação

Harvey³ afirma que Marx iluminou o processo de produção capitalista quando traz à tona a questão do fetiche, pois acredita Harvey que “as condições de trabalho e de vida, a alegria, a raiva ou frustração que estão por trás da produção de mercadorias, os estados de ânimo dos produtores, tudo isso está oculto de nós ao trocarmos um objeto (o dinheiro) por outro (a mercadoria). (...) Todos os vestígios de exploração são obliterados no objeto”. Dessa forma, Marx (1996, p. 673) entende que a produção capitalista devia ser encarada em seu conjunto, “ou como processo de reprodução, que produz não só mercadoria, não só mais-valia; mas que produz e reproduz a relação capitalista”.

A Revolução Industrial teve a Inglaterra do século XVIII como cerne. Grande parte dos autores tende a pensar as transformações espaciais associando-as às três fases da Revolução Industrial. Observamos que, durante bastante tempo, a fábrica foi representativa no que concerne a correspondência entre a forma do seu arranjo espacial interno e a organização espacial da cidade. Contudo, partilhamos da preocupação de Lencioni⁴ quando procura discutir “o fetiche da influência de novas técnicas na reestruturação urbano-industrial”. Sandra Lencioni reafirma a importância de não olharmos a introdução de novas técnicas, em si, como elemento reestruturador do espaço urbano-industrial. Não pretendemos cair nesse reducionismo, pois concordamos que a análise a partir apenas do viés tecnológico levar-nos-ia a não percepção do significado das transformações engendradas pelo fenômeno estudado. Temos percebido que, muitas vezes, acaba-se por privilegiar as ideias de eficiência e produtivismo que induzem ao determinismo tecnológico. Em geral, acaba-se ressaltando os aspectos positivos das transformações em curso como a

a tendência ao emprego de uma mão-de-obra mais qualificada, estável e escolarizada, dedicando, geralmente, muito pouca atenção aos graves problemas sociais que o atual processo de reconversão produtiva vem provocando mundialmente, como a segmentação do mercado de trabalho, o aumento do desemprego, a concentração da riqueza, o aumento da miséria e o enfraquecimento de importantes formas de organização da sociedade civil (Leite, Silva, 1996, p. 49).

Assim feito, esses fenômenos acabam sendo vistos como consequências inevitáveis do avanço tecnológico, ou mesmo efeitos passageiros que o próprio desenvolvimento resolverá. Isso é perigoso, pois denota a percepção do atual processo de reestruturação produtiva como algo determinado pela tecnologia e não como processo de construção social. Ademais, fica clara, também, uma visão de mundo e de ciência que se colocou na base do positivismo e, que concedeu à técnica um papel central na vida humana. Leite, Silva⁵ apontam, a partir da consciência desse problema, que isso leva a uma “valorização positiva do crescimento econômico e do desenvolvimento tecnológico, entendidos como sinônimo de desenvolvimento social e humano, de melhoria da qualidade de vida e de progresso”.

Importa perceber que o desenvolvimento social é influenciado pela técnica, mas esta não é o único fator responsável pelo rumo a ser tomado pela humanidade. Não é à toa, que Habermas (1994, p. 84) procura demonstrar que a razão foi sendo colocada a serviço da dominação e repressão do ser humano, e que a técnica acabou por adquirir um caráter ideológico. Além disso,

³ Harvey, 1994, p. 98.

⁴ Lencioni, 1991, p. 8

⁵ Leite, Silva, 1996, p. 49.

devemos considerar a técnica como expressão de uma determinada relação social, isto é, de um projeto que tem sido imposto através de um embate entre atores que também são sujeitos sociais com distintos projetos de racionalidade. Touraine (1994, p. 220) enfatiza tal relação conflituosa que acaba por tornar-se expressão da tensão entre o triunfo da razão e a afirmação do sujeito. Aqui é importante pensar esse processo como algo que é construído não de cima para baixo, mas como uma espécie de negociação entre os atores locais e o mecanismo global. Não é possível compreender a relação sujeito-objeto sem as necessárias mediações para o terreno espacial, onde se desenvolvem as relações sujeito-sujeito expressas simbolicamente. Isso porque, como nos lembra Rua⁶

os lugares são a expressão de relações tanto sociais como espaciais e são formados por conjuntos particulares de relações sociais que se fecham e interagem em localizações específicas. Entretanto essas relações sociais que constituem os lugares, não estão restritas a eles, pois são, também, construídas e operadas além deles, conectando os diferentes lugares e as pessoas que neles vivem. As pessoas constroem e representam os lugares, se identificando com eles, mas tanto a construção, quanto a representação e a identificação com o lugar, mudam ao longo do tempo e estão sempre sendo postas em xeque.

Embora muitas vezes promova um discurso que parece justificar o desenvolvimento e as transformações espaciais pelo desenvolvimento da técnica, Santos⁷ demonstra, em algum momento, a preocupação em não cair nessa armadilha ao salientar que a cada período técnico e de trabalho se associa uma forma paradigmática de organização espacial. O que não quer dizer que a técnica em si mesma defina o rumo seguido, já que não deve ser vista como evento isolado, mas como fator que permite encontrar suas relações⁸. Ou seja, dentro daqueles períodos técnicos a que se estaria referindo Milton Santos importaria a busca de influências entre suas peças, isto é, seus elementos materiais e sociais. Isso porque há uma associação entre a técnica e as bases material e ideológica. Até porque a concretude dos sistemas de objetos acaba por condicionar a maneira como se conduzem as ações, ao passo que “o sistema de ações induz à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma⁸. Assim, importa reconhecer que longe de se apresentar apenas como um fenômeno técnico, a revolução industrial significou acima de tudo uma transformação na ciência, nas ideias e valores da sociedade. É levando em conta essa posição que devemos entender as fases da Revolução Industrial. Em se tratando da denominada mais-valia relativa, a mudança organizacional e tecnológica é posta em ação para gerar lucros temporários para firmas inovadoras e lucros mais generalizados com a redução dos custos dos bens que definem o padrão de vida do trabalhador⁹. Contudo, o desenvolvimento de novas tecnologias contribuiu para o crescimento do excedente de força de trabalho, o que, de certa maneira, proporcionou a utilização da extração de mais-valia absoluta até em países centrais. Enfatiza Harvey¹⁰ o fato das novas tecnologias de produção e das novas formas de organização permitirem o retorno dos sistemas de trabalho doméstico, familiar e paternalista, que Marx tendia a supor que sairiam do negócio ou seriam reduzidos a condições de exploração cruel (...) a ponto de se tornarem intoleráveis sob o

⁶ Rua, 2002

⁷ Santos, 1996, p. 141.

⁸ Santos, 1996, p. 52.

⁹ Harvey, 1994, p. 174.

¹⁰ Harvey, 1994, p. 175.

capitalismo avançado”. Significa afirmar que, atualmente, é possível observarmos sistemas de trabalhos totalmente diferentes convivendo lado a lado.

O teletrabalho, assim, foi mais do que o resultado de uma inovação técnica ou do que uma mudança nos procedimentos e nos hábitos do trabalhador. Visto de maneira mais detida, ele transformou as relações entre os agentes e a organização social. Grande parte das novas relações construídas contribuiu de forma efetiva para o incentivo ao enclausuramento do indivíduo em sua residência, limitando, também, o seu deslocamento no espaço.

A mídia exerceu um papel fundamental no que se refere ao incentivo da implementação do teletrabalho geralmente utiliza a expressão trabalho em casa. Frequentemente eram veiculadas matérias elogiosas nos meios de comunicação. A publicidade e as imagens da mídia passaram a ter um papel muito mais integrador nas práticas culturais, tendo assumido grande importância na dinâmica de crescimento do capitalismo. A publicidade já não parte da ideia de informar ou promover no sentido comum, voltando-se cada vez mais para a manipulação dos desejos e gostos do indivíduo.

A opção pelo teletrabalho carrega consigo a necessidade de um investimento tecnológico, já que os trabalhadores precisam ter um canal ágil de comunicação. Diferenciando-se de empresa para empresa, quanto ao grau de investimento, observa-se com frequência a utilização de *notebooks*, telefonia móvel e de rádio. Percebe-se, ainda, a utilização da própria infraestrutura existente na casa do teletrabalhador – principalmente no caso dos *freelances*.

Sob o ponto de vista do empresariado, com certeza, o efeito dos microcomputadores sobre a comunicação e processamento de dados criou novas oportunidades de lucro empresarial. A possibilidade de resposta mais rápida e precisa às solicitações dos clientes e às mudanças das condições, permite efetuar operações financeiras mais ágeis e complexas e acelerar o giro do capital. Em outros casos, o computador pode ao padronizar e automatizar determinados procedimentos, diminuindo, sob este aspecto, a necessidade de qualificação e experiência, fatores antes associados a funções de nível médio permitir o aumento dos lucros a partir da redução dos salários e, desta forma, não necessariamente aumentando a produtividade. Esta mesma possibilidade de automação vem facilitar o processo de subcontratação.

Não parece surpreendente que o empresariado se encontre entusiasmado com a possibilidade de redução dos custos imobiliários e dos gastos de funcionamento, podendo ao mesmo tempo manter a sua produtividade. Além disso, existe ainda o fato da efetivação da transferência de custos ao trabalhador. Muitas empresas, sobretudo as menores, deixam por conta do teletrabalhador as despesas com *hardware* e *software*, e além disso, é necessário considerar o custo de um espaço, dentro da casa, dedicado exclusivamente ao trabalho, gastos de energia e nova mobília¹¹.

De forma geral, as empresas têm investido na reestruturação de suas seções e representações regionais que, por consequência, atravessam um momento de readaptação. As amplas instalações das antigas representações regionais cederam lugar a espaços menores, denominados, muitas vezes, de pontos de referência ou telelocais.

Exercido diariamente ou não no domicílio, o teletrabalho é considerado como uma forma de deslocamento de certas atividades. Praticado na residência do assalariado ou em um telelocal da

¹¹ Finquelievich, 1997, p. 8.

vizinhança, agrupando vários indivíduos, ele tem sido visto pelas empresas como forma de redução de seus custos imobiliários e de energia. As grandes organizações usam o discurso de que, para sobreviverem em um mercado competitivo, precisam elevar a eficiência. A mudança organizacional parte do preceito de que o desempenho não se mede mais por onde, quando e quanto o funcionário trabalha, mas pelos resultados que ele atinge. Quanto às relações entre os *freelances* e as empresas, como se sabe, elas se caracterizam pela ausência da vinculação formal. É feito um contrato de prestação de serviços, por um tempo determinado ou para a execução de determinada tarefa, não havendo compromisso empregatício entre o contratante e o subcontratado.

O empresariado afirma que esse tipo de organização do trabalho comporta igualmente aspectos positivos para o trabalhador: maior independência, domínio da vida cotidiana, flexibilidade dos horários de trabalho, redução dos transtornos gerados pela necessidade de circulação e de estacionamento, estes cada vez mais presentes nas grandes metrópoles.

A transformação do cotidiano e a produção do espaço

Curiosamente, esse processo que desloca o trabalhador, retirando-o do local de trabalho, a fábrica ou o escritório, e novamente alocando-o em sua residência caracteriza o retorno, guardadas as devidas especificidades, a um momento em que o artesão dividia em sua casa o lugar de viver e o lugar de trabalhar. Tal fato é, também, reconhecido por Finquelievich¹² quando afirma que “pela primeira vez desde a Revolução Industrial, a residência, que havia sido relegada ao espaço e ao tempo ‘extra-trabalho’, volta a integrar as funções de produção, gestão e reprodução”.

As relações sociais são sempre espaciais e existem dentro de certas estruturas de espacialidades construídas. Giddens¹³ enfatiza o fato de que

o domicílio foi o foco físico de relações de família e também de produção, esta levada a efeito ou em setores do próprio domicílio ou em hortas ou parcelas de terra cultivadas. Entretanto o desenvolvimento do capitalismo moderno acarretou uma diferenciação entre o lar e o lugar de trabalho, diferenciação essa que teve consideráveis implicações para a organização global dos sistemas de produção e outras importantes características institucionais das sociedades contemporâneas.

Em nada diferente disso, Sousa Santos¹⁴ também afirma a separação da família enquanto unidade de reprodução social (habitação, alimentação, socialização, reprodução biológica) da unidade de produção que, com a primeira revolução industrial, passou a ser a fábrica”. Contudo, ao se observar as transformações do espaço-tempo que se dão no ambiente doméstico quando da implementação do teletrabalho percebe-se uma nova convergência, para o lar, das funções de produção e reprodução.

De certa maneira, pode causar surpresa esse retorno, pois a compra e venda do tempo de trabalho acabou por se tornar uma das características mais distintivas do capitalismo moderno. Foi na esfera do trabalho que a regulação temporal se propagou por toda a sociedade. Em contrapartida,

¹² Finquelievich, 1997, p. 2

¹³ Giddens, 1989, p. 99.

¹⁴ Sousa Santos, 1997, p. 304.

o teletrabalho tem por característica a impossibilidade do controle direto do tempo efetivamente trabalhado.

Até 2003, várias empresas sediadas no Brasil – principalmente multinacionais americanas e europeias – implantaram o sistema de teletrabalho, dentre elas podemos citar: Shell, Esso, IBM, Kodak, Telemar, DuPont, Siemens, Cisco Systems, Ernst & Young, Promon, Natura, Trevisan Consultoria, Merrill Lynch, Movicarga, SSA, Spencer&Stuart Consultoria e Proudfoot. Na Spencer&Stuart, o próprio vice-presidente fazia parte do grupo de teletrabalhadores. Contudo, organizações de pequeno porte também se têm utilizado do trabalho a distância através dos chamados *home based business, working solo, home office* e *small office*.

Em matéria da revista Exame (1999), diversos executivos afirmaram, na época, que a mudança estratégica realizada com a utilização do teletrabalho como opção para o aumento da produtividade e, também, para a economia do espaço físico dos escritórios tem sido bastante positiva. Empresas localizadas nas áreas centrais da cidade, onde o custo do solo urbano é alto, vibram com a possibilidade de redução dos custos imobiliários e de energia.

O teletrabalhador passa, então, a viver a cidade de uma maneira distinta, pois a rotina do deslocamento pelas ruas e avenidas em um ir e vir diário de casa para o trabalho e vice-versa deixa de existir. Os *freelances* definitivamente não precisam se deslocar para a empresa e os empregados que exercem suas atividades como teletrabalhadores, em sua maioria, optam por ir ao escritório da firma apenas quando solicitados.

Ademais, como afirmamos anteriormente, as empresas voltam-se para os resultados, não mais para a presença do trabalhador no escritório. A Shell, segundo sua gerente de projetos, embora dê liberdade para que os supervisores agendem reuniões presenciais, enfatiza que o mais importante dessa mudança é que o teletrabalhador tem condição de trabalhar em qualquer local e em qualquer hora, pois os negócios estão em todos os lugares. A Shell não é na Barra da Tijuca, é no mundo”. Foram fechados 15 escritórios regionais, que acabaram por tornarem-se escritórios remotos regionais”, ou seja, aos funcionários que foram mantidos pela empresa restou apenas a possibilidade de tornarem-se teletrabalhadores. Os próprios funcionários que têm cargo de chefia são teletrabalhadores e, segundo eles, durante mais de 70% do tempo estão longe do escritório da empresa.

Contudo, é importante afirmar que o teletrabalho é mais do que o resultado de uma inovação técnica e organizacional, ou do que uma mudança nos procedimentos e nos hábitos do trabalhador. Visto de maneira mais detida, ele colabora para a transformação das relações entre os teletrabalhadores e a cidade. Grande parte das novas relações construídas contribui de forma efetiva para o incentivo ao “enclausuramento” desse trabalhador em sua residência, limitando, também, o seu deslocamento no espaço. As novas tecnologias de informação e comunicação permitem acessar e enviar diferentes tipos de materiais e trabalhos, sem a necessidade de deslocamento espacial. Esse fato banal é pleno de consequências, pois altera fortemente as relações espaciais anteriormente por ele realizadas.

É possível realizar as compras do supermercado, encomendar a pizza e o refrigerante, além do DVD ou Blu-Ray que será assistido à noite, sem a necessidade de sair de casa. Pagamentos, compras, investimentos e a atividade de trabalhar podem ser realizados sem a necessidade de locomover-nos, fisicamente, para esses logradouros. Tais mudanças são sentidas em nosso cotidiano e não raro debruçamo-nos sobre questões inquietantes em que perguntamo-nos sobre,

atualmente, que tipo de concretude segura a sociedade em um determinado local ou quanto de materialidade faz-se, de fato, necessário. Importante acrescentar que, cada vez mais, torna-se possível realizar uma diversidade de atividades via Internet, o que, de alguma forma, permite que as pessoas tendam a se deslocar menos para realizá-las. Se de um lado o fluxo de pessoas poderia estar tendendo à redução, por outro lado o fluxo de serviços de entregas tenderia ao crescimento. Acreditamos que, no futuro, o crescimento desse tipo de trabalho possa vir a contribuir para uma transformação no padrão espacial e de circulação nas metrópoles.

Nos Estados Unidos, centenas de milhares de casas já estão equipadas com aparelhos de TV interativos, que além de oferecer uma programação de acordo com os anseios do usuário, permitem acesso à Internet e a outros serviços – realização de compras de todo tipo de mercadorias, de operações e consultas bancárias, etc. – sem sair de casa. Além disso, tais aparelhos registram e enviam para a operadora as informações de todos os canais e horários assistidos e os *sites* visitados pelos usuários. Assim, as empresas conseguem identificar mais facilmente os hábitos dos consumidores e podem, dessa forma, oferecer-lhes novos produtos que serão compatíveis com suas preferências, sem que esse consumidor precise sair de casa para consumir¹⁵. O fluxo de informações que percorre a rede mundial de computadores alcança números tão elevados que alguns pesquisadores já estão se dedicando ao mapeamento do ciberespaço¹⁶.

Tendo tal possibilidade em mente, alguns autores, dentre os quais Soja, Randolph e Pawley¹⁷, chegam a afirmar que o comércio nas áreas centrais encaminhar-se-ia para a redução de suas atividades – ou, pelo menos, se voltaria para um público de poder aquisitivo mais baixo – e, em contrapartida, o comércio de bairros tenderia ao crescimento.

Em estudos anteriores (1999, 1998) ocupamo-nos de um processo que denominamos enclausuramento sócio-espacial. A expressão enclausuramento” é derivada de clausura que, por sua vez, advém do latim *clūdo* (ou *claudo*) que significa fechar, encerrar, cerrar, clausurar, cercar, murar. Foi nesse sentido que entendemos, então, o enclausuramento espacial relacionado à forma como se dá a atividade do teletrabalho. A partir de então, continuamos pesquisando o teletrabalho e percebemos aquele processo anteriormente mencionado como algo ainda mais complexo e contraditório. É possível, simultaneamente, identificar afastamento e ligação, fechamento e abertura.

Se, por um lado, percebemos o enclausuramento social gerado a partir da atividade do teletrabalho, temos também uma maneira diferente de relação e aproximação social realizada através da rede mundial de computadores. Da mesma forma, observamos relação semelhante em se tratando do enclausuramento espacial. Se, em princípio, o trabalhador encontra-se em sua residência, afastado de seus companheiros de trabalho, por outro lado tem a possibilidade de, através da *navegação* pelo ciberespaço, visitar outros espaços. Ao mesmo tempo em que temos distanciamento, temos aproximação, um constante vai-e-vem entre enclausuramento e abertura.

É importante afirmarmos que esse tipo de atividade não é majoritário no que se refere ao total de trabalhadores. Assim, a relação dos outros trabalhadores com a cidade é ainda presente, não estamos dizendo que seja passado, já que essa é dominante e não a do teletrabalho. Contudo,

¹⁵Revista Veja, 30 de maio, 2001.

¹⁶Dodge, Kitchin, 2001.

¹⁷Soja, 2000, 1996; Randolph, 2000a, 2000b; e Pawley, 1997.

acreditamos ser importante perceber essa relação do teletrabalhador com a cidade, que difere da do não-teletrabalhador. Ou seja, não restam dúvidas que estamos tratando de um grupo específico de trabalhadores que tem sua rotina alterada devido à especificidade da forma com que desenvolvem suas atividades profissionais.

Entretanto, contrapondo-se àquilo que Soja, Randolph e Pawley parecem acreditar (o esvaziamento da área central ao menos pela população de rendimentos médio alto e alto), o investimento público em infraestrutura na área portuária da cidade do Rio de Janeiro tem atraído as sedes de empresas novamente para o centro, além de indicar forte gentrificação naquela localidade. A nova sede da L'Oréal Brasil, por exemplo, estará localizada na Rua Barão de Tefé, 27 (esquina com Avenida Venezuela, na Via Binário do Porto), terá mais de 20.000 m² de área edificada, 22 andares e capacidade para 1.500 pessoas. Estrategicamente situada em frente aos armazéns do Porto (que terão restaurantes e casas de shows) e ao passeio público de 3,5 Km de extensão do Armazém 8 à Praça XV, a construção terá vista para a Baía de Guanabara. Além disso, já foi inaugurado o Museu de Arte do Rio (MAR) e está em fase final de construção o Museu do Amanhã, projeto do renomado arquiteto espanhol Santiago Calatrava, o que contribui para a atração de novos investidores e empresas.

Aproximação, afastamento... para onde vai tudo isso?

Na cidade, preocupa-se Virílio¹⁸, o problema que se coloca para o urbanista é o de saber “onde ele deve construir as habitações, quando já não existe trabalho permanente e o proletariado se dessedentariza”; acredita Virílio que estamos às voltas com uma “nomadização das populações”. Afirma ainda que estamos diante de uma precarização do trabalho, em que presenciamos contratos de duração determinada, de tempo parcial e, recentemente, um contrato surgido na Inglaterra denominado o contrato de zero hora. Ou seja, “a empresa oferece um telefone móvel ao empregado, que deve atender quando for chamado. Por um só dia, por uma hora...” Prevê que, no século XXI, teremos a oposição entre os sedentários e os nômades. Os sedentários seriam aqueles que estariam em casa em qualquer lugar, no avião, na rua, com o *laptop*, o *tablet* e o telefone móvel; por sua vez, os nômades seriam os que não estariam em casa em lugar algum. Seria aquele que viveria correndo de um lugar a outro em busca de trabalho, sem paradeiro. Mas, paradoxalmente, acreditamos estarmos em qualquer lugar via satélite e também em lugar nenhum do mundo. Presença que é ao mesmo tempo ausência, presos a um ambiente que pode estar nos remetendo a mais incertezas.

Pawley¹⁹ procura, através de alguns fatos, elucidar esse momento em que as relações entre os trabalhadores e a cidade têm sofrido consideráveis transformações. Afirma, então, que as cidades vêm assumindo um caráter fantasmagórico – como algo fora do tempo ou deslocado do tempo, com espaços moldados por relações que acontecem fora dali. Dentre os exemplos citados por Pawley, temos o serviço de atendimento telefônico de Londres, em que a chamada é transferida a um operador que se encontra em Newcastle, ou quando um agente de viagens em Londres realiza uma ligação telefônica à Lufthansa ou à United Airlines para agendar um voo ou comprar uma

¹⁸ Virílio, 1997, p. 4

¹⁹ Pawley, 1997

passagem e sua chamada é enviada a um escritório em Dublin, na Irlanda. Segundo Pawley, mais de 50 centros de atendimento telefônico na Europa foram instalados na Irlanda, como os da Corel, Digital, Ericsson, Radisson, Oracle e UPS, devido aos valores mais baixos dos impostos naquela cidade.

Certo é que Newcastle e Dublin não fazem parte de Londres, nem tampouco se tratam de três cidades que se relacionam em uma rede hierárquica, conforme definidas por Christaller. Diferentemente disso, parece que fragmentos de Londres fazem, agora, parte de Newcastle e Dublin. Randolph²⁰ salienta o fato de que o sistema de telefonia, que até a metade do século XX identificava claramente posições geográficas, agora não é apenas meio para deslocalizações, mas também indício de dis-localização da impossibilidade de localização ou seja, da superação de padrões locais característicos das cidades industriais.

É cada vez mais normal a utilização da telefonia e da Internet para a concretização de negócios de toda a forma e entre localidades as mais distantes do planeta. Fato é que a Internet tem se constituído, simultaneamente, ponto de partida e resultado para transformações as mais variadas na relação entre o trabalhador e a cidade. Tais transformações, que ultrapassam o mundo corporativo e dos negócios, já que invadem o cotidiano das pessoas na medida em que os próprios domicílios vão sendo equipados com microcomputadores conectados à Internet, é que contribuem para o crescimento do teletrabalho. Virílio²¹, assustado com a velocidade que irrompe a cidade, comenta com pesar que

a velocidade é, com os transportes coletivos e a iluminação noturna, um dos elementos principais da cidade. Foi a iluminação que fez de Paris a cidade-luz. Ela viabilizou a noite... A cidade sempre foi um lugar onde a gente se droga com a velocidade, com o álcool e agora com a Internet. Vejo da minha janela um casal que, em vez de fazer amor, passa a noite trabalhando na Internet.

Contudo, essa cidade, que pode ser o Rio de Janeiro, mas pode também ser São Paulo, Nova York, Paris, Londres ou Buenos Aires, não deve ser entendida apenas como um conjunto de ruas e construções que podemos perceber pelos sentidos; também não deve ser entendida como representações pré-estabelecidas tomadas acriticamente, nem tampouco como apenas as relações sociais que se concentram em determinado local. Essa cidade deveria ser percebida como uma articulação superadora entre aquelas três dimensões à que se referiu Lefebvre (1994, p. 42-45) ao refletir sobre a noção de espaço. Para Lefebvre, as práticas sociais podem ser analiticamente subdivididas em três dimensões: práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação.

O teletrabalhador, diferentemente do trabalhador comum que durante muito tempo buscou trabalhar próximo ao local de trabalho – que era um local diferente do local de sua moradia, pode residir e trabalhar em uma cidade e prestar serviço para uma empresa localizada em um bairro distante, em outra cidade ou, ainda, em outro país. Em seu ambiente de trabalho – o ciberespaço surgem novas formas de socialidade e de formação de identidades que, se por um lado parecem contribuir para um distanciamento, uma desconexão, por outro lado percebemos uma reconexão através de atualizações virtuais, de presenças imateriais e do pertencimento mediato proporcionado pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

²⁰ Randolph, 2000c, p. 5

²¹ Virílio, 1997, p. 5

Aliás, as mobilizações ocorridas mundo afora, e inclusive no Brasil e no México, fizeram uso das tecnologias de comunicação e informação por meio das redes sociais para se organizar; sem dúvida, uma outra forma de organização, que não encontra eco nas formas tradicionais. Retomando ao debate acerca das mobilizações²², o problema é que grande parte das pessoas satisfaz-se em participar e expor suas posições apenas na rede. Creem que assim já estão fazendo a sua parte. Acreditamos ser este apenas o ponto de partida. Acredito mesmo que as redes sociais podem ajudar bastante na organização de mobilizações que busquem transformar, mas é preciso ocupar o espaço.

Tivemos, no ano de 2011, inúmeras mobilizações e protestos sociais que acabaram tomando a dimensão de um movimento global. Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen (luta contra as ditaduras); Espanha (os Indignados da Puerta del Sol), Portugal (Geração à Rasca) e Grécia (ocupação da praça Syntagma), os subúrbios londrinos, os estudantes no Chile, o movimento *Occupy Wall Street* (EUA) e seus diversos desdobramentos, inclusive no Rio de Janeiro e em São Paulo. Todos esses movimentos ocuparam praças, usuram as redes sociais para sua organização e mobilização, e recusaram as formas institucionais tradicionais. Tudo isso denota uma descrença nas instituições partidárias e sindicais, entretanto, abandoná-las significa entrega-las ao inimigo... A solução não é simples... É preciso traduzir esses atos em novas organizações; é preciso organizar-se mais para pressionar os governos e pautar reformas.

Essas mobilizações reivindicavam a democratização radical contra a farsa democrática dos países capitalistas centrais²³. Não resta dúvida que ocupar pacificamente e de forma coletiva as ruas e as praças, os espaços públicos (que há muito tinham se transformado, devido à lógica neoliberal, em espaços de consumo) foi, no mínimo, fascinante.

Há algo no ar, diversos grupos têm se manifestado e usado formas criativas de mobilizações: o TAZ (Zona Autônoma Temporária) com tons anarquistas e muito influenciado pelos situacionistas; grupos coletivos de arte; coletivos de música que se apresentam gratuitamente e fazem letras de contestação como o *El Efecto*, o *Mohandas* etc. são formas de manifestação e mobilização diferentes das formas tradicionais dos antigos movimentos sociais.

Quanto ao teletrabalho, é um exemplo das novas formas de trabalho resultantes das mudanças tecnológicas, econômicas e sociais. Contrariamente ao que possa parecer, o trabalho realizado em casa não seria o retorno àquele tempo em que a família dividia o lugar de viver e trabalhar. Conforme se pôde observar no decorrer de nossa explanação, muitas são as especificidades que separam esses tempos.

As transformações na natureza do trabalho refletiram-se no espaço. O teletrabalhador livrou-se do relógio de ponto, mas passa a conviver, cada vez mais, com metas de produção e vive em um ambiente extremamente competitivo, cujo ritmo de trabalho é cada vez mais intenso.

Alguns pesquisadores acreditam que à anterior forma de pressionar os trabalhadores e os salários – a formação de um exército de reserva – soma-se o emprego de novas tecnologias e de novas formas de organização do trabalho, acarretando a criação de um espírito de competição entre os trabalhadores, contribuindo para a desmobilização do poder organizado da classe trabalhadora.

²² Ferreira, 2013

²³ Alves, 2012

Contudo, Lipietz, segundo Tavares²⁴, acredita haver um caminho aberto para a luta dos trabalhadores, que ao apropriarem-se dos novos conhecimentos, socializando e coletivizando o saber prático adquirido estariam se libertando do taylorismo Harvey²⁵ elucida também uma saída ao afirmar que a flexibilidade cria para a classe trabalhadora oportunidades bem como perigos e dificuldades, precisamente porque educação, flexibilidade e mobilidade geográfica, uma vez adquiridas, ficam mais difíceis de ser controladas pelos capitalistas”.

Se, atualmente, é impossível não ser influenciado por acontecimentos externos ao cotidiano local, é verdade também que cada indivíduo ou grupo social faz uma leitura do global que, de alguma forma, o diferencia de outro. Destarte, o Rio de Janeiro responde às influências externas que o integram ao mundo como um todo, a partir de suas particularidades que reforçam uma identidade local. Assim, podemos entender porque diversas empresas que implantaram o teletrabalho na cidade, diferentemente do que fizeram em outros países, procuram marcar encontros presenciais entre os teletrabalhadores, periodicamente, na sede da empresa ou mesmo em bares para encontros bem informais.

É necessário compreendermos a cidade em sua dinâmica interna em que se destacam as ações locais –, mas ao mesmo tempo não devemos desprender-la do movimento relacionado à totalidade. É possível afirmarmos, junto com Trindade Júnior²⁶, que o espaço socialmente produzido é fruto, de um lado, do papel da estrutura, que define as determinações do modo de produção e, de outro, do papel da ação, ligada aos agentes locais, que, por sua vez, definem coligações de interesses, envolvendo grupos ou frações de classes”.

Acreditamos que, atualmente – como ocorreu também em outras épocas – vivemos uma redefinição das distâncias. Estamos presenciando um momento de transformação na produção do espaço, que se materializa a partir de processos simultâneos de concentração, desconcentração e conexão espaciais, incessantemente elaborados e reelaborados pelo novo jogo de poder viabilizado pela configuração dos fluxos de informação globais.

Acreditamos que os lugares não apresentam identidades únicas; ao contrário, estão repletos de conflitos internos. A especificidade do Rio de Janeiro é continuamente reproduzida, porém não se trata de uma especificidade internalizada apenas. Assim, a implementação do teletrabalho acarretou alterações na relação do trabalhador com a cidade, que têm uma ligação com a escala global. A especificidade do lugar derivaria, também, da noção de que cada local seria o centro de uma miríade de relações sociais mais amplas com as mais locais. Uma mistura como essa em outro lugar não necessariamente teria resultado semelhante. Sendo assim, quando Massey²⁷ afirma que todas essas relações interagem com a história acumulada de um lugar e ganham um elemento a mais na especificidade dessa história, além de interagir com essa própria história imaginada como produto de camadas superpostas de diferentes conjuntos de ligações tanto locais quanto com o mundo mais amplo”; nossa concordância não poderia ser maior.

²⁴ Tavares, 1994, p. 7

²⁵ Harvey, 1994, p. 175

²⁶ Trindade Júnior, 1999, p. 153

²⁷ Massey, 2000, p. 185

Bibliografia

- ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois? In *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo, Carta Maior-Boitempo, 2012, p. 31-38.
- DODGE, Martin, KITCHIN, Rob. *Mapping cyberspace*. London, UK: Routledge, 2001. 260p.
- FERREIRA, Alvaro. A imagem virtual transformada em paisagem e o desejo de esconder as tensões do espaço: por que falar em atores, agentes e mobilizações? In FERREIRA, Alvaro et al (Org.). *Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais*. Rio de Janeiro: Consequência, 2013a.
- FERREIRA, Alvaro. *A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço*. 2 ed. atualizada. Rio de Janeiro: Consequência, 2013b.
- FERREIRA, Alvaro. *A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço*. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.
- FERREIRA, Alvaro. A produção do espaço: entre dominação e apropriação. Um olhar sobre os movimentos sociais. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (15). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24515.htm>> [ISSN: 1138-9788]
- FERREIRA, Alvaro. A tendência ao esvaziamento da área central da cidade do Rio de Janeiro e sua associação com a implementação do teletrabalho pelas empresas. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía e Ciências Sociales*, Universidad de Barcelona. Vol. IX, n. 194 (81), 01/agosto/2005, ISSN:1138-9788.
- FERREIRA, Alvaro. *A emergência do teletrabalho e as novas territorialidades na cidade do Rio de Janeiro*. 2003. 242 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.
- FERREIRA, Alvaro. A noção de totalidade e o holograma sócio-espacial: uma contribuição teórico-metodológica. *GeoUERJ*, Rio de Janeiro, n. 13, 1^o semestre de 2003.
- FERREIRA, Alvaro. Espaço, tempo, teletrabalho e o mundo virtual: uma nova leitura conceitual? *GeoUERJ*, Rio de Janeiro, n. 9, 1^o semestre de 2001, p. 07-17.
- FERREIRA, Alvaro. *As novas tecnologias de informação e o enclausuramento nas relações sócio-espaciais: o teletrabalho no Rio de Janeiro*. 1999. 118 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- FINQUELIEVICH, Susana. De nuevo en casa: el teletrabajo y sus relaciones com el uso del espacio urbano. In *Working paper n. 07: Comunicação, espaço e novas formas do trabalho*. IPPUR-UFRJ. 1997.
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 318p.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1994. 349p.

- LEITE, Márcia de Paula, SILVA, Roque Aparecido da. A sociologia do trabalho frente à reestruturação produtiva: uma discussão teórica. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 42, 2º semestre, 1996, p. 41-58.
- LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In FERREIRA, Alvaro et al (Org.). *Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais*. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.
- LENCIONI, Sandra. Reconhecendo metrópoles: território e sociedade. In SILVA, Catia Antonia da, FREIRE, Désirée Guichard, OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. *Metrópole: governo, sociedade e território*. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2006.
- LENCIONI, Sandra. *Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo*. 1991. 286 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 1991.
- MARX, Karl.. *O Capital*. Livro I capítulo VI (inédito). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978. 72p.
- PAWLEY, Martin. Why rebuild a phantom city? *Online Telepolis*, Verlag Heinz Heise, Hannover, 1997.
- RANDOLPH, Rainer. *(Des)Construindo o espaço cibernético: uma reflexão acerca da “espacialidade virtual” da rede mundial de computadores*. Anais do IV Congresso Iberoamericano de Gráfica Digital (SIGraDi). Rio de Janeiro, julho de 2000a.
- RANDOLPH, Rainer. *Em busca do Ciberespaço do Rio de Janeiro: a geração do espaço representacional “rio AND janeiro” pelas redes telemáticas de computadores mundiais*. Working paper do trabalho apresentado no Congresso da LASA (Latin American Studies Association), Miami, 2000b.
- RANDOLPH, Rainer. *“Cidades Fantasmagoras” ou novas formas urbanas? Algumas hipóteses sobre cidades e comunidades na sociedade da comunicação*. Working paper do trabalho apresentado na I Jornada Internet: herramienta para el desarrollo social – Usos en las redes comunitarias y en la gestión municipal. Buenos Aires, 2000c.
- RUA, João. *Simple e complexo: a temática e a base teórico-metodológica*. Rio de Janeiro: Mimeo, 2002.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Espaço, tempo, razão, emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOJA, Edward W. *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other real-and-imagined places*. Oxford, UK: Blackwell, 1996. 334p.
- SOJA, Edward W. *Postmetropolis. Critical studies of cities and regions*. Massachusetts, USA: Blackwell, 2000. 440p.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997. 348p.
- TAVARES, Hermes Magalhães. *Produção flexível: seus reflexos sobre o trabalho e o território. Travessia*, Rio de Janeiro, janeiro-abril, 1994.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da.. Sujeitos políticos e territorialidades urbanas. In DAMIANI, Amélia Luisa, CARLOS, Ana Fani Alessandri, SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 150-159.

VIRILIO, Paul. A catástrofe urbana. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 set. 1999.

Outras Referências

SOBRATT – Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividades. www.sobratt.com em 02/10/2014.